

## Introdução ao Estudo da História

Turma 7

Terças e quintas • 10h às 11h50min • Sala PJC BT 019

Código da disciplina: HIS0084	Período letivo: 1º semestre de 2026
Carga horária semestral: 60h	Período de aulas: 17 de março a 16 de julho

### Plano de Ensino

**Professor: Pedro Eduardo Silva**

Contato: [pedro.eduardo@unb.br](mailto:pedro.eduardo@unb.br)

**Atendimento individual:** Departamento de História (ICC Norte, Mezanino, Sala B1-672), Gabinete 6  
*Os agendamentos de atendimento devem ser feitos com antecedência pelo e-mail acima ou pelo chat do Teams.*

**Monitora de graduação:** Gabriela de Souza Bernardo (contato: [gabriela.bernardo256@gmail.com](mailto:gabriela.bernardo256@gmail.com))  
*Verificar com a monitora se há algum canal no Teams ou grupo de comunicação entre ela e a turma para avisos da monitoria.*

#### 1. Ementa

O conceito de história. Pesquisa e escrita da história. O campo histórico e os gêneros da historiografia contemporânea. Problemas teóricos fundamentais.

#### 2. Objetivos

- 2.1. Explorar os conceitos de história e historiografia;
- 2.2. Refletir sobre o papel da pergunta no processo da pesquisa;
- 2.3. Compreender os fundamentos da heurística e da crítica históricas;
- 2.4. Compreender teoricamente a relação entre pesquisa histórica e escrita da história;
- 2.5. Analisar a relação entre os gêneros historiográficos, práticas disciplinares e os diferentes tipos de experiência do passado;
- 2.6. Apresentar os problemas da construção e da narratividade do conhecimento histórico;
- 2.7. Discutir os problemas do tempo histórico, a utilidade e os usos da historiografia.

#### 3. Programa e síntese do conteúdo

Para que se cumpram os objetivos propostos no item 2 deste Plano de Ensino, o curso está organizado em torno de três unidades, a saber:

- 3.1. Unidade 1: *história, História e historiografia*: definições, justificativas e procedimentos;
- 3.2. Unidade 2: *História, histórias*: a diversidade e a complexidade da prática historiográfica;
- 3.3. Unidade 3: *Desafios da prática historiográfica*: valores, virtudes e compromissos.

#### 4. Metodologia e proposta pedagógica

O curso privilegia **aulas expositivas e dialogadas**, com uso de recursos audiovisuais e materiais impressos (*handouts*). Os encontros estarão focados na exposição de temas centrais para a compreensão do conteúdo. À parte expositiva, seguir-se-á a discussão de um texto de leitura obrigatória, conforme indicado no Cronograma e na descrição do conteúdo programático (item 7 deste Plano de Ensino).

Deve-se, porém, notar que a exposição do professor não consistirá em um resumo das leituras propostas, mas em uma exploração de problemas mais abrangentes, servindo, portanto, os textos de base para

diálogos qualificados sobre tais questões. Em todas as aulas, a intervenção dos estudantes será bem-vinda, tanto na parte expositiva quanto nos debates.

Haverá também encontros em que o enfoque estará **nas apresentações de oito seminários de estudo de caso** em grupo, seguidas de debates. Em tais ocasiões, a aula se iniciará com a apresentação dos seminários e, logo adiante, a atenção voltará aos comentários, dúvidas e questões da turma sobre as apresentações e seus temas. Caberá aos grupos dos seminários iniciarem a discussão, ao professor aprofundá-la e ao restante da turma participar do debate.

## 5. Sistemática de avaliação

Far-se-ão os cálculos da menção final com base no desempenho individual dos alunos em duas provas escritas, cada uma correspondente a **35% da nota**, e em um seminário de estudo de caso, equivalente a **30% da nota**. A cada avaliação será atribuída uma nota de 0 a 10 pontos, que, posteriormente, será convertida em seu respectivo peso na menção final.

### 5.1. Das provas e de seus critérios de avaliação:

- 5.1.1. As provas acontecerão nas datas prescritas no cronograma, no horário regular das aulas;
- 5.1.2. As avaliações deverão ser entregues à caneta;
- 5.1.3. Os exames consistirão na escrita de textos dissertativos elaborados em resposta a **uma pergunta** ligada à temática das aulas e à bibliografia de leitura obrigatória;
- 5.1.4. As provas deverão ser respondidas em até 2 laudas (60 linhas) e sem consulta a materiais impressos ou a dispositivos eletrônicos;
- 5.1.5. Casos de plágio, consulta indevida ou outros mecanismos de desonestidade intelectual acarretarão nota zero nas provas escritas;
- 5.1.6. Em caso de perda de uma ou ambas as provas, poderão ser realizados exames substitutivos ao final do semestre, na data prevista no cronograma.
- 5.1.7. É fundamental destacar que as avaliações substitutivas não são provas de recuperação; ou seja, não poderão ser feitas por quem desejar melhorar a sua nota;
- 5.1.8. Os critérios para correção da prova escrita serão: domínio teórico na resposta à questão proposta (5,0 pontos), consistência e coerência argumentativa (3,5 pontos), poder de síntese e respeito ao limite de linhas (0,5 ponto) e correção e propriedade da linguagem (1,0 ponto).

### 5.2. Dos seminários de estudo de caso e de seus critérios de avaliação:

- 5.2.1. Os seminários consistirão em uma apresentação, em grupos de no máximo cinco pessoas, sobre uma temática articulada a partir da leitura conjunta de textos específicos. No desenho pedagógico do curso, as temáticas foram escolhidas para servirem de base a uma discussão mais ampla sobre certos gêneros ou perspectivas de escrita da história;
- 5.2.2. Os seminários não deverão ser meros resumos dos textos trabalhados, mas sim comentários críticos que evidenciem articulação entre teoria e prática historiográfica. Roteiros para as apresentações dos seminários serão disponibilizados pelo professor no SIGAA previamente;
- 5.2.3. Os critérios para avaliação do seminário serão: apresentação dos autores, de suas obras e principais materiais de pesquisa (1,0 ponto); equidade na participação de todos os membros do grupo (0,5 ponto); capacidade de identificar as teses ou os principais argumentos dos textos (3,0 pontos); capacidade de elaborar comentários que articulem teoria e prática historiográfica (5,0 pontos); e respeito ao limite de tempo da apresentação (0,5 ponto).
- 5.2.4. Os seminários deverão ser sintéticos e não poderão ultrapassar 30 minutos;
- 5.2.5. O principal objetivo dos seminários é estimular, nos estudantes, a leitura crítica da bibliografia indicada e fomentar a participação de todos nos momentos de discussão;
- 5.2.6. É facultativo o uso de slides ou de materiais impressos durante os seminários.

## 6. Controle de frequência

A frequência será aferida em cada encontro, observando-se rigorosamente o regimento da Universidade de Brasília, que estabelece que os estudantes são obrigados a frequentar, no mínimo, 75% das aulas de cada componente em que estejam regularmente matriculados. **A frequência inferior a 75% ocasiona a reprovação.**

Vale ressaltar que as faltas justificadas não são abonadas. Para mais informações sobre atestados médicos e documentos comprobatórios de justificativas de faltas, consulte a **página 35 do Manual para Estudantes de Graduação**, elaborado pelo Decanato de Ensino e Graduação da UnB, disponível em [deg.unb.br](http://deg.unb.br).

## 7. Cronograma e conteúdo programático

O cronograma indica o número e a data de cada encontro, detalha o conteúdo das unidades do curso e apresenta a programação das atividades, das leituras previstas e das avaliações.

- 7.1.1. Todos os **textos obrigatórios** estão em língua portuguesa ou têm versões traduzidas por inteligência artificial, a serem disponibilizadas pela turma virtual no SIGAA.
- 7.1.2. As seções de **outras leituras** contêm indicações de textos que considero relevantes para as temáticas das aulas e que ajudam a adentrar mais a fundo as problemáticas das exposições. A ideia por trás das leituras complementares é oferecer oportunidades de aprofundamento a estudantes interessados em tais temas. As outras leituras não necessariamente estão em português.

Aulas	Data	Programa das atividades
1	17.mar	<i>Apresentação do curso, do professor e da turma</i> <ul style="list-style-type: none"><li>Leitura obrigatória:<ul style="list-style-type: none"><li>- <b>Plano de Ensino</b> da disciplina, disponível na página da turma virtual no SIGAA.</li></ul></li></ul>
<b>Unidade 1</b> <i>história, História e historiografia: definições, justificativas e procedimentos</i>		
2	19.mar	<i>A intrincada relação entre a prática dos historiadores e a teoria da história</i> <ul style="list-style-type: none"><li>Leitura obrigatória:<ul style="list-style-type: none"><li>- Jörn Rüsen (2010). <b>Tarefa e função de uma teoria da história</b>. Em J. Rüsen, Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica (pp. 25-52). Brasília: Editora UnB.</li></ul></li><li>Outras leituras:<ul style="list-style-type: none"><li>- Edward H. Carr (1982). <b>O historiador e seus fatos</b>. Em E. H. Carr, O que é História? (pp. 36-55). Rio de Janeiro: Paz &amp; Terra.</li><li>- Adam Schaff (1978). <b>Por que reescrevemos continuamente a história?</b> Em A. Schaff, História e verdade (pp. 267-278). São Paulo: Martins Fontes.</li></ul></li></ul>
3	24.mar	<i>Justificar a prática: exemplaridade, método e o moderno conceito de história</i> <ul style="list-style-type: none"><li>Leitura obrigatória:<ul style="list-style-type: none"><li>- Reinhart Koselleck (2013). <b>A configuração do moderno conceito de história</b>. Em R. Koselleck, O conceito de história (pp. 119-184). Belo Horizonte: Autêntica.</li></ul></li></ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Arthur Alfaix Assis (2011). <b>Por que se escrevia a história? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno</b>. Em M. Salomon, História, verdade e tempo (pp. 105-132). Chapecó: Argos.</li> <li>- Catalina Balmaceda (2019). <b>História exemplar: a competição na historiografia romana</b>. História da historiografia: International journal of theory and history of historiography, 12, 29, pp. 69-95.</li> </ul> </li> </ul>
4	26.mar	<i>Aprofundamento das discussões das aulas 2 e 3</i>
5	31.mar	<p style="text-align: center;"><i>Os historiadores e o passado (I): os materiais históricos</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Marc Bloch (2013). <b>A observação histórica</b>. Em M. Bloch, Apologia da história ou O ofício de historiador (pp. 69-87). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Benedetto Croce (1962). <b>Documentos e testemunhos</b>. Em B. Croce, A história: pensamento e ação (pp. 92-98). Rio de Janeiro: Zahar Editores.</li> <li>- Peter Gay (1990). <b>Ranke: o crítico respeitoso</b>. Em P. Gay, O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt (pp. 63-94). São Paulo: Companhia das Letras.</li> </ul> </li> </ul>
6	2.abr	<p style="text-align: center;"><i>Os historiadores e o passado (II): evidências e provas</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Robin G. Collingwood (2000). <b>As provas históricas</b>. Em R. G. Collingwood, A ideia de história (pp. 376-419). Lisboa: Editorial Presença.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Jonas Ahlskog (2021). <b>Evidence and proof in historical research</b>. Bloomsbury history: theory and method articles, pp. 1-26.</li> <li>- Carlo Ginzburg (1989). <b>Sinais: raízes de um paradigma indiciário</b>. Em C. Ginzburg, Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história (pp. 143-180). São Paulo: Companhia das Letras.</li> </ul> </li> </ul>
7	7.abr	<i>Aprofundamento das discussões das aulas 5 e 6</i>
8	9.abr	<p style="text-align: center;"><i>A pesquisa: perguntas e procedimentos</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Antoine Prost (2008). <b>As questões do historiador</b>. Em A. Prost, Doze lições sobre a história (pp. 75-93). Belo Horizonte: Autêntica.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Saidiya Hartman (2021). <b>Afrotopia</b>. Em S. Hartman, Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão (pp. 28-61). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.</li> </ul> </li> </ul>
9	14.abr	<p style="text-align: center;"><i>Múltiplos espaços e ferramentas de pesquisa: arquivos, bibliotecas e as revoluções do microfilme e da Internet</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ian Milligan (2022). <b>Archives and access</b>. Em I. Milligan, The transformation of historical research in the digital age (pp. 29-43). Cambridge: Cambridge University Press.</li> </ul> </li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Arlette Farge. (2009). <b>Milhares de vestígios</b>. Em A. Farge, O sabor do arquivo (pp. 9-28). São Paulo: EDUSP.</li> <li>- Roy Rosenzweig (2022). <b>Escassez ou abundância? A preservação do passado</b>. Em R. Rosenzweig, Clio conectada: o futuro do passado na era digital (pp. 35-82). Belo Horizonte: Autêntica.</li> </ul> </li> </ul>
10	16.abr	<i>Aprofundamento das discussões das aulas 8 e 9</i>
—	21.abr	<b>Feriado</b> Tiradentes
11	23.abr	<b>Primeira prova escrita</b> A ser realizada em sala e sem consulta
—	28.abr	<b>Não haverá aula</b> Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação
—	30.abr	<b>Não haverá aula</b> Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação
<b>Unidade 2</b> <i>História, histórias: a diversidade e a complexidade da prática historiográfica</i>		
12	5.mai	<p style="text-align: center;"><i>Da pesquisa ao texto: apresentação e representação</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Hayden White (1994). <b>O texto histórico como artefato literário</b>. Em H. White, Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura (pp. 137-152). São Paulo: EDUSP.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Frank Ankersmit (2012). <b>Representation</b>. Em F. Ankersmit, <i>Meaning, truth, and reference in historical representation</i> (pp. 64-86). Ithaca: Cornell University Press.</li> </ul> </li> </ul>
13	7.mai	<p style="text-align: center;"><i>Diferentes formas de contar e a estratégia da explicação pela narração</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Walter B. Gallie (2016). <b>Narrativa e compreensão histórica</b>. Em J. Malerba (Org.), <i>História &amp; narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica</i> (pp. 137-152). Petrópolis: Vozes.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Paul Veyne (1971). <b>Compreender a intriga</b>. Em P. Veyne, <i>Como se escreve a história</i> (pp. 115-148). Lisboa: Edições 70.</li> <li>- Louis Mink &amp; João Ohara (2024). <b>Forma narrativa como instrumento cognitivo</b>. <i>Revista de teoria da história</i>, 27(1), pp. 224-240.</li> </ul> </li> </ul>
14	12.mai	<p style="text-align: center;"><i>Tempo e tempos históricos</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reinhart Koselleck (2002). <b>Time and history</b>. Em R. Koselleck, c</li> </ul> </li> </ul>

		<p>: <i>timing history, spacing concepts</i> (pp. 100-114). Stanford: Stanford University Press.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Antoine Prost (2008). <b>Os tempos da história</b>. Em A. Prost, Doze lições sobre a história (pp. 95-114). Belo Horizonte: Autêntica.</li> </ul> </li> </ul>
15	14.mai	<i>Aprofundamento das discussões das aulas 12, 13 e 14</i>
—	19.mai	<p><b>Não haverá aula</b></p> <p>INTH Conference (<a href="https://www.inth.ugent.be/conferences">https://www.inth.ugent.be/conferences</a>)</p>
—	21.mai	<p><b>Não haverá aula</b></p> <p>INTH Conference (<a href="https://www.inth.ugent.be/conferences">https://www.inth.ugent.be/conferences</a>)</p>
16	26.mai	<p><b>Preparação dos seminários</b></p> <p>Atividades a serem realizadas em sala, com instruções disponíveis no SIGAA.</p>
17	28.mai	<p><b>Preparação dos seminários</b></p> <p>Atividades a serem realizadas em sala, com instruções disponíveis no SIGAA.</p>
18	2.jun	<p style="text-align: center;"><i>A pluralidade de passados que as histórias abrigam</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura sugerida:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Assis, Arthur Alfaix (2023). <b>Plural pasts: historiography between events and structures</b>. Cambridge: Cambridge University Press.</li> </ul> </li> </ul> <p style="color: red; text-align: center;"><i>Atenção: é especialmente útil para a preparação dos seminários a leitura dos capítulos 2, 3 e 4.</i></p>
—	4.jun	<p><b>Ponto facultativo</b></p> <p>Corpus Christi</p>
19	9.jun	<p style="text-align: center;"><i>Seminário de estudo de caso 1</i></p> <p style="text-align: center;"><b>A política e o político nas histórias</b></p> <p style="text-align: center;">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p> <p style="text-align: center;"><i>Seminário de estudo de caso 2</i></p> <p style="text-align: center;"><b>Diferentes escalas do social nas histórias</b></p> <p style="text-align: center;">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p>
20	11.jun	<p style="text-align: center;"><i>Seminário de estudo de caso 3</i></p> <p style="text-align: center;"><b>A economia e os padrões e modelos econômicos nas histórias</b></p> <p style="text-align: center;">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p> <p style="text-align: center;"><i>Seminário de estudo de caso 4</i></p> <p style="text-align: center;"><b>Práticas e símbolos, o “cultural” nas histórias</b></p> <p style="text-align: center;">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p>
21	16.jun	<i>Seminário de estudo de caso 5</i>

		<p align="center"><b>As ideias, o intelecto e as estruturas de pensamento nas histórias</b></p> <p align="center">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p> <p align="center"><i>Seminário de estudo de caso 6</i></p> <p align="center"><b>Recortes étnico-raciais e de gênero nas histórias</b></p> <p align="center">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p>
22	18.jun	<p align="center"><i>Seminário de estudo de caso 7</i></p> <p align="center"><b>Tempos, espaços e transdisciplinaridade: a histoire totale, a deep history e a big history</b></p> <p align="center">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p> <p align="center"><i>Seminário de estudo de caso 8</i></p> <p align="center"><b>Escalas e perspectivas: o encontro entre circularidade, globalidade e a crítica pós-colonial nas histórias</b></p> <p align="center">Bibliografia arrolada no item 8.3 deste Plano de Ensino</p>
<p><b>Unidade 3</b></p> <p><i>Desafios da prática historiográfica: valores, virtudes e compromissos</i></p>		
23	23.jun	<p><i>Entre a ética e a epistemologia: virtudes epistêmicas na prática historiográfica</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Herman Paul (2016). <b>Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e metas intelectuais</b>. História da historiografia: international journal for the theory and history of historiography, 1(21), pp. 25-42.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Herman Paul (2011). <b>Performing history: how historical scholarship is shaped by epistemic values</b>. History and theory, 50(1), pp. 1-19.</li> </ul> </li> </ul>
24	25.jun	<p align="center"><i>Objetividade e partidarismo na história</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Thomas L. Haskell (1998). <b>Objectivity is not neutrality: rhetoric versus practice in Peter Novick's "That noble dream"</b>. Em T. L. Haskell, Objectivity Is not neutrality: explanatory schemes in history (pp. 145-173). Baltimore: Johns Hopkins University Press.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Henri-Irénée Marrou (1978). <b>A história é inseparável do historiador</b>. Em H.-I. Marrou, Sobre o conhecimento histórico (pp. 42-54). Rio de Janeiro: Zahar Editores.</li> </ul> </li> </ul>
25	30.jun	<p><i>Aprofundamento das discussões das aulas 23 e 24</i></p>
26	2.jul	<p align="center"><i>Usos e abusos do passado</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Antoon De Baets (2013). <b>Uma teoria do abuso da história</b>. Revista brasileira de história, 33(65), pp. 17-60.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:</li> </ul>

		- Antoni Liakos & Emilia Salvanou (2021). <b>Historical culture</b> . Bloomsbury history: theory and method articles, pp. 1-14.
27	7.jul	<p align="center"><i>Experiências da história: lembrar e esquecer</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura obrigatória:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Dominick LaCapra (2023). <b>Trauma, história, memória, identidade: o que resta?</b> Em D. LaCapra, Compreender outros: povos, animais, passados (pp. 131-170). Belo Horizonte: Autêntica.</li> </ul> </li> <li>• Outras leituras:           <ul style="list-style-type: none"> <li>- Paolo Rossi (2010). <b>Lembrar e esquecer</b>. Em P. Rossi, Seis ensaios de história das ideias (pp. 15-38). São Paulo: Editora UNESP.</li> </ul> </li> </ul>
28	9.jul	<i>Aprofundamento das discussões das aulas 26 e 27</i>
29	14.jul	<p><b>Segunda prova escrita</b></p> <p>A ser realizada em sala e sem consulta</p>
30	16.jul	<p><b>Avaliação substitutiva</b></p> <p>A ser realizada em sala e sem consulta</p>

**Nota 1:** O cronograma acima poderá sofrer alterações ao longo do curso. Por isso, é imprescindível manter atenção aos **endereços eletrônicos cadastrados no SIGAA**. Eles serão nosso principal meio de comunicação. Quaisquer alterações serão comunicadas pelo canal “Notícias” da página da turma. Versões atualizadas do Plano de Ensino estarão sempre disponíveis na turma virtual do SIGAA e na minha página do [academia.edu](http://academia.edu).

**Nota 2:** A Aula Inaugural do Departamento de História acontecerá no dia **24 de março de 2026, às 19h**, no Auditório do Programa de Pós-Graduação em História da UnB (ICC Norte, Módulo 24, Subsolo). A aula será proferida pelo professor Hélio Rebello Cardoso Jr., da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

**Nota 3:** O prazo máximo para a consolidação das menções no SIGAA será em **21 de julho de 2026**. Para mais informações sobre o calendário de atividades da graduação, consulte o documento a seguir, disponível no *site* da SAA/UnB ([saa.unb.br](http://saa.unb.br)).

**Nota 4:** É terminantemente proibido gravar as aulas ou fotografar as apresentações de *slides* e circulá-las sem a autorização do professor. Será concedido tempo suficiente para a elaboração de anotações pessoais. Caso haja dúvidas, consulte a resolução do CEPE nº. 62/2025, publicada no Boletim de Atos Oficiais da UnB em 29 de abril de 2025.

**Nota 5:** Os professores da área de teoria e filosofia da história organizam periodicamente encontros no âmbito do **Laboratório de Pesquisa em Ideias e Experiências da História (LAPIEH)**. Há uma lista de *e-mails* por meio da qual as atividades são divulgadas. Caso você queira se inscrever a ela, avise-me.

## 8. Bibliografia

**8.1. Bibliografia do curso** (textos selecionados pelo professor e indicados para leitura na descrição do conteúdo programático, sistematizado no item 7 deste Plano de Ensino):

Ahlskog, J. (2021). Evidence and proof in historical research. *Bloomsbury history: theory and method articles*, pp. 1-26.

- Ankersmit, F. (2012). Representation. Em F. Ankersmit, *Meaning, truth, and reference in historical representation* (pp. 64-86). Ithaca: Cornell University Press.
- Assis, A. A. (2011). Por que se escrevia a história? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno. Em M. (. Salomon, *História, verdade e tempo* (pp. 105-132). Chapecó: Argos.
- Assis, A. A. (2023). *Plural pasts: historiography between events and structures*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Balmaceda, C. (2019). História exemplar: a competição na historiografia romana. *História da historiografia: international journal of theory and history of historiography*, 12, 29, pp. 69-95.
- Bloch, M. (2013). A observação histórica. Em M. Bloch, *Apologia da história ou O ofício de historiador* (pp. 69-87). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Carr, E. H. (1982). O historiador e seus fatos. Em E. H. Carr, *O que é História?* (pp. 36-55). Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Collingwood, R. G. (2000). As provas históricas. Em R. G. Collingwood, *A ideia de história* (pp. 376-419). Lisboa: Editorial Presença.
- Croce, B. (1962). Documentos e testemunhos. Em B. Croce, *A história: pensamento e ação* (pp. 92-98). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- De Baets, A. (2013). Uma teoria do abuso da história. *Revista brasileira de história*, 33(65), pp. 17-60.
- Farge, A. (2009). Milhares de vestígios. Em A. Farge, *O sabor do arquivo* (pp. 9-28). São Paulo: EDUSP.
- Gallie, W. B. (2016). Narrativa e compreensão histórica. Em J. (. Malerba, *História & narrativa: a ciência e a arte da escrita histórica* (pp. 137-152). Petrópolis: Vozes.
- Gay, P. (1990). Ranke: o crítico respeitoso. Em P. Gay, *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt* (pp. 63-94). São Paulo: Companhia das Letras.
- Ginzburg, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Em C. Ginzburg, *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (pp. 143-180). São Paulo: Companhia das Letras.
- Hartman, S. (2021). Afrotopia. Em S. Hartman, *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (pp. 28-61). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Haskell, T. L. (1998). Objectivity is not neutrality: rhetoric versus practice in Peter Novick's "That noble dream". Em T. L. Haskell, *Objectivity Is not neutrality: explanatory schemes in history* (pp. 145-173). Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Koselleck, R. (2002). Time and history. Em R. Koselleck, *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts* (pp. 100-114). Stanford: Stanford University Press.
- Koselleck, R. (2013). A configuração do moderno conceito de história. Em R. e. Koselleck, *O conceito de história* (pp. 119-184). Belo Horizonte: Autêntica.
- LaCapra, D. (2023). Trauma, história, memória, identidade: o que resta? Em D. LaCapra, *Compreender outros: povos, animais, passados* (pp. 131-170). Belo Horizonte: Autêntica.
- Liakos, A., & Salvanou, E. (2021). Historical culture. *Bloomsbury history: theory and method articles*, pp. 1-14.
- Marrou, H.-I. (1978). A história é inseparável do historiador. Em H.-I. Marrou, *Sobre o conhecimento histórico* (pp. 42-54). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Milligan, I. (2022). Archives and access. Em I. Milligan, *The transformation of historical research in the digital age* (pp. 29-43). Cambridge: Cambridge University Press.

- Mink, L., & Ohara, J. (2024). Forma narrativa como instrumento cognitivo. *Revista de teoria da história*, 27(1), pp. 224-240.
- Paul, H. (2011). Performing history: how historical scholarship is shaped by epistemic values. *History and theory*, 50(1), pp. 1-19.
- Paul, H. (2016). Historicismo fraco: sobre hierarquias de virtudes e metas intelectuais. *História da historiografia: international journal for the theory and history of historiography*, 1(21), pp. 25-42.
- Prost, A. (2008). As questões do historiador. Em A. Prost, *Doze lições sobre a história* (pp. 75-93). Belo Horizonte: Autêntica.
- Prost, A. (2008). Os tempos da história. Em A. Prost, *Doze lições sobre a história* (pp. 95-114). Belo Horizonte: Autêntica.
- Rosenzweig, R. (2022). Escassez ou abundância? A preservação do passado. Em R. Rosenzweig, *Clio conectada: o futuro do passado na era digital* (pp. 35-82). Belo Horizonte: Autêntica.
- Rossi, P. (2010). Lembrar e esquecer. Em P. Rossi, *Seis ensaios de história das ideias* (pp. 15-38). São Paulo: Editora UNESP.
- Rüsen, J. (2010). Tarefa e função de uma teoria da história. Em J. Rüsen, *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica* (pp. 25-52). Brasília: Editora UnB.
- Schaff, A. (1978). Por que reescrevemos continuamente a história? Em A. Schaff, *História e verdade* (pp. 267-278). São Paulo: Martins Fontes.
- Veyne, P. (1971). Compreender a intriga. Em P. Veyne, *Como se escreve a história* (pp. 115-148). Lisboa: Edições 70.
- White, H. (1994). O texto histórico como artefato literário. Em H. White, *Trópicos do discurso: ensaios sobre crítica da cultura* (pp. 137-152). São Paulo: EDUSP.

## **8.2. Bibliografia básica e complementar** (indicada no Projeto Político-Pedagógico dos cursos de bacharelado e licenciatura em história da UnB):

- Agamben, G. (2008). *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Costa Lima, L. (2006). *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dosse, F. (2003). *A história em migalhas: dos Annales à nova história*. Bauru: EDUSC.
- Malerba, J. (. (2006). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto.
- Marrou, H.-I. (1954). *Do conhecimento histórico*. Lisboa: Aster.
- Rüsen, J. (2001). *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica (teoria da história I)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Sahlins, M. (2006). *História e cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Zahar.

## **8.3. Bibliografia dos seminários:**

### **Seminário de estudo de caso 1: A política e o político nas histórias**

#### **• Texto para o estudo de caso:**

- Leandro Duarte Rust (2021). **Em busca da unidade: a violência viking como processo histórico**. Em L. D. Rust, *Os vikings: narrativas da violência na Idade Média* (pp. 192-245). Petrópolis: Vozes.

#### **• Bibliografia de apoio sugerida:**

Pascal Balmand (2018). A renovação da história política. Em G. Bourdê, & M. Hervé, *As escolas históricas* (pp. 337-360). Belo Horizonte: Autêntica.

René Rémond (2003). Do político. Em R. Rémond, *Por uma história política* (pp. 441-454). Rio de Janeiro : FGV.

### **Seminário de estudo de caso 2: Diferentes escalas do social nas histórias**

- **Texto para o estudo de caso:**

Teresa Cristina de Novaes Marques (2014). **A campanha pró-temperança e a festa da Penha: a cerveja se afirma no imaginário carioca**. Em T. C. Marques, *A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro: de 1888 aos anos 1990* (pp. 221-258). Jundiaí: Paco Editorial .

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

Antoine Prost (2008). A história social. Em A. Prost, *Doze lições sobre a história* (pp. 75-93). Belo Horizonte: Autêntica.

### **Seminário de estudo de caso 3: A economia e os padrões e modelos econômicos nas histórias**

- **Texto para o estudo de caso:**

Ellen Meiskins Wood (2001). **A origem agrária do capitalismo**. Em E. M. Wood, *A origem do capitalismo* (pp. 75-100). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

João Fragoso & Manolo Florentino (1997). História econômica. Em C. Cardoso, & R. Vainfas, *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia* (pp. 53-75). Rio de Janeiro: Campus.

### **Seminário de estudo de caso 4: Práticas e símbolos, o “cultural” nas histórias**

- **Texto para o estudo de caso:**

Natalie Zemon Davis (1983). **Introdução; De Hendaye a Artigat; O camponês descontente**. Em N. Z. Davis, *O retorno de Martin Guerre* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Paz & Guerra.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

Cliford Geertz (1989). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Em C. Geertz, *A interpretação das culturas* (pp. 14-54). Rio de Janeiro: LTC.

Roger Chartier (2002). Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Em R. Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações*. Algés: DIFEL.

### **Seminário de estudo de caso 5: As ideias, o intelecto e as estruturas de pensamento nas histórias**

- **Texto para o estudo de caso:**

Tereza Cristina Kirschner (2009). **José da Silva Lisboa e a modernidade portuguesa**. Em T. C. Kirschner, *Visconde de Cairu: itinerários de um ilustrado luso-brasileiro* (pp. 289-319). Belo Horizonte: PUC Minas.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

Arthur Alfaix Assis (2021). History of ideas and its surroundings. *Bloomsbury history: theory and method articles*, pp. 1-30.

### **Seminário de estudo de caso 6: Recortes étnico-raciais e de gênero nas histórias**

- **Texto para o estudo de caso:**

Cibele Tenório (2025). **Introdução; A república dos homens; 1933: uma eleição peculiar; Se fosse eleita...** Em C. Tenório, *Almerinda Gama: a sufragista negra* (pp. 9-47). São Paulo: Todavia.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

Carla Akotirene (2019). Cruzando o Atlântico em memória da interseccionalidade. Em C. Akotirene, *Interseccionalidade* (pp. 17-55). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.

Joan W. Scott (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), pp. 71-97.

### **Seminário de estudo de caso 7: *Tempos, espaços e transdisciplinaridade: a histoire totale, a deep history e a big history***

- **Texto para o estudo de caso:**

Fernand Braudel (1983). **As penínsulas: montanhas, planaltos, planícies.** Em F. Braudel, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II* (Vol. I, pp. 35-63). São Paulo: Martins Fontes.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

David Christian (2010). The return of universal history. *History & Theory*, 49(4), pp. 6-27.

Guilherme Ribeiro (2011). Fernand Braudel e a geo-história das civilizações. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, 18, pp. 67-83.

### **Seminário de estudo de caso 8: *Escalas e perspectivas: o encontro entre circularidade, globalidade e a crítica pós-colonial nas histórias***

- **Texto para o estudo de caso:**

Sanjay Subrahmanyam (2012). **Perspectivas indianas sobre a presença portuguesa na Ásia, 1500-1700.** Em S. Subrahmanyam, *Impérios em concorrência: histórias conectadas nos séculos XVI e XVII* (pp. 33-64). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- **Bibliografia de apoio sugerida:**

Luciana Ballestrin (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política* (11), pp. 89-117.

Dipesh Chakrabarty (2000). Postcoloniality and the artifice of history. Em D. Chakrabarty, *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference* (pp. 27-46). Princeton: Princeton University Press. **Será disponibilizada na pasta a versão traduzida e publicada em 2020 na revista *Práticas da História*.**